



## **NINGUÉM SABE TUDO, NINGUÉM SABE NADA**

### **CURIOSANDO E ANDARILHANDO COM ANA MARIA ARAÚJO FREIRE**

**- NITA FREIRE -**

Liana Borges, Café com Paulo Freire Centro Histórico/POA/RS<sup>1</sup>

Lucas Martins de Avelar, Café com Paulo Freire Goiânia/GO<sup>2</sup>

Renato Pontes Costa, Café com Paulo Freire PUC Rio/RJ<sup>3</sup>

**RESUMO:** Esta é uma entrevista-diálogo com Ana Maria Araújo Freire, Nita Freire, mas com um enfoque um pouco distinto das demais entrevistas que ela costuma conceder, pois vamos olhar/ad-mirar a Nita como intelectual e escritora, com intensa produção sobre o pensamento de Paulo Freire, de quem é sucessora legal. Nita vem cumprindo com esmero a tarefa a que se propôs: manter o legado de Paulo Freire vivo, atual e necessário, pois tem se dedicado a organizar e publicar tanto obras revisitadas como livros inéditos. Mesmo sabendo, e respeitando, que as fronteiras entre Nita e Paulo são quase invisíveis e/ou inexistentes, buscamos ao longo de mais de duas horas garantir o foco do diálogo, priorizando neste registro os temas que colocam a história de vida de Nita no centro da roda.

**PALAVRAS-CHAVE:** Curiosando. Andarilhagens. Recriando Paulo Freire.

Estávamos devendo às leitoras e aos leitores da *Revista do Café* esta entrevista-diálogo com Ana Maria Araújo Freire – Nita Freire, viúva de Paulo Freire. Enfim, chegou a hora! Uma excelente oportunidade, pois uma parte deste número está dedicado às *Andarilhagens com Paulo Freire*, sendo ela uma andarilha.



<sup>1</sup> Liana Borges, professora de Educação de Porto Alegre. Especialista em Alfabetização na Língua Escrita, mestre e doutora em Educação pela PUCRS. Atua em escolas, universidades, movimentos sociais e UNESCO sobre Educação Popular. E-mail: lianaborges@cafecompaulofreire.com.br

<sup>2</sup> Membro da Curadoria Colegiada do Café com Paulo Freire Goiânia, da Coordenação Colegiada do Fórum Goiano de EJA e da Curadoria Internacional Café com Paulo Freire. Doutorando em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Integrante da Rede de Pesquisa em Ensino de Ciências na Educação de Jovens e Adultos (REPEC-EJA) e Grupo de Pesquisa Colligat: (re) pensando a formação de professores de Ciências da Natureza (ICB/UFG). E-mail: biolusca@gmail.com

<sup>3</sup> Professor do Departamento de Educação da PUC-Rio e integrante do GEPEJA - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, membro da Curadoria Internacional Café com Paulo Freire. E-mail: recosta@puc-rio.br



**Nita Freire, como gosta de ser chamada, nasceu em Recife, Pernambuco, e em 13 de novembro próximo completará 89 anos. Eis o ponto de partida do nosso diálogo: Nita mulher, mãe de quatro filhos, professora, doutora em Educação e, claro, viúva do educador, com quem foi casada entre os anos 1986 e 1997, ano de sua morte (02/05/1997).**

**Estás no centro desta roda, não como “ventríloqua” de Paulo Freire, mas como autora e interlocutora de seu pensamento e, sobretudo, como recriadora do seu legado. Não tem como não te admirar! Teu compromisso com a educação brasileira, com o país, com os/as oprimidos/as, é uma lição para nós, para nossa geração (dos anos 1960/1980) e para os/as estudantes do Brasil.**

**Em consonância com o nome do projeto da editora Paz e Terra/Record e Madre Tierra, em que participamos ativa e comprometidamente, – *Andarilhagens com Paulo Freire*, explica-nos o sentido deste conceito-verbo “andarilhar”.**

A pergunta é muito interessante, mas eu tenho que falar em algo que é anterior a andarilhar/andarilhagens. Sempre fui muito curiosa desde pequena. Perguntava e queria saber de tudo, tinha uma ansiedade de conhecer e de saber. Fui alfabetizada aos 5 anos de idade. A professora alfabetizadora do colégio de meu pai me sentava no colo e eu dizia para ela: eu já sei ler, eu acho. Ela contestava e respondia ‘que nada, Nita, tu ainda nem veio para a escola!’

Eu não sei como aprendi, mas sei dizer que eu pegava as coisas que eu estava *curiosando* e eu já sabia aquilo. Acho que isso é o princípio maior para a pesquisa, porque se você é curiosa vai quer saber de tudo. Minha filha diz: ‘mãe, você vai cair na rua, porque em vez de você olhar para calçada você fica olhando para dar conta de tudo o que está acontecendo por aí’.

Por sinal, esta foi uma das qualidades maiores que Paulo considerava importante nas pessoas. Quando uma criança, filho de amigos, ia começar a escola, Paulo sempre dizia ‘olha, eu quero te dizer uma coisa, não deixa a escola tirar a curiosidade do teu filho’.

Paulo e Claudius Ceccon fizeram um escândalo em Paris quando o filho de Claudius foi reprovado porque desenhou um gato, mas que não era um gato como se conhece, pois o rabo estava ali, a cara estava aqui. Claudius pediu ao Paulo que



fosse na escola e Paulo disse: 'olha, deixa ele. Ele está *curiosando*. Vamos ver se dá certo um gato assim como ele desenhou'.

Isso faz parte da curiosidade infantil, até mesmo de perguntar uma coisa que parece impossível, pois é errando que ele vai chegar ele vai chegar lá, dizia Paulo.

Andarilhagem é um termo que tem a ver com o gosto de Paulo pelas coisas do povo. No Nordeste, se usa o termo andarilhagem para designar as pessoas que são desprovidas de recursos, que estão andando a procura de alguma coisa, de um lugar, algum alimento, de alguma situação que lhes possibilite viver.

O andarilho vai andando e procurando. Se aquilo ali não serve, ele vai indo, vai indo e procurando sempre. É um andar constante, uma caminhada sem grandes paradas, é uma caminhada que para ver como é e, se preciso for, segue adiante.

Andarilhagem para Paulo é isso. Andarilhamos pelo mundo todo, verificando se o que ele tinha por intuição, se era uma verdade científica ou não. A andarilhagem, com as práticas e vivências, é que vai dar o respaldo à teoria. Então, quando no nordeste alguém diz que se até o 19 de março, dia de São José, não chover, não choverá mais. Será um ano de estiagem.

Quando Paulo criou o Serviço de Extensão Cultural, na Universidade do Recife, um dos propósitos era, exatamente, verificar cientificamente o que o povo dizia intuitivamente. Andarilhagem serve para isso. Você vai captando as coisas que passarão pelo crivo da ciência; e é esse o sentido da andarilhagem que Paulo usava, pois ele sempre andou à procura. Eu acho um termo muito feliz. Paulo dizia 'eu detesto ficar, eu sempre passo, eu não fico. Quando descubro uma coisa que estava velada, eu digo, vou caminhar nesse sentido, *curiosando*'. Eu acho que é uma coisa preciosa.

Quando Paulo dizia que somos seres inconclusos ele queria dizer que nós não ficamos, que temos um ponto de partida para outras conclusões, que depois levam a outras dúvidas, e essas dúvidas procuram os inéditos viáveis. É este o movimento do curiosar e do andarilhar.

**Como Nita é uma andarilha? Como é teu processo de escrita, de estudo e de dedicação para manter o legado de Paulo Freire vivo e atual? No ano passado, 2021, em função das comemorações do centenário de nascimento de**



**Paulo Freire, lançastes 2 livros – *Boniteza*<sup>4</sup>e *Testamento*<sup>5</sup> -, e outro está em andamento. E também uma obra prima chamada de *Paulo Freire: uma história de vida*<sup>6</sup>.**

Fiz *Testemunhos*, mas não saiu como que eu desejava, mas foi lançado no dia de seu centenário (19/09/2021), com testemunhos de pessoas que são importantes na história progressista do Brasil incluindo, por exemplo, alguns ex-ministros da Educação. Se sair uma 2ª edição, vou incorporar outros depoimentos e também quero explicar as razões deste livro e como ele foi pensado e elaborado.

Lancei *Boniteza*. Me disseram que está um sucesso, que todo mundo quer ler. Tem artigos muito bonitos. Tem uma declaração que é muito minha, do meu amor ao Paulo, porque essa palavra boniteza era para mim, ele dizia que eu era a mulher mais bonita, dizia para todo mundo. Ele me chamava de menina ou de boniteza.

A *Educação na cidade*<sup>7</sup> republicuei com outro título – *Direitos Humanos e educação libertadora: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo*<sup>8</sup>, agregando mais informações e outras histórias a partir das fichas de anotações de Paulo.

Quanto à biografia *Paulo Freire: uma história de vida*<sup>9</sup>, lembro de Paulo ter dito que não era para eu escrever, pois não seria coerente. Eu disse que sim, que escreveria sua vida. Eu não achava justo eu ter a capacidade de fazer, era a pessoa mais indicada, porque vivi com ele, eu conheci Paulo toda vida, todo seu itinerário de vida, e depois me furtar de escrever, seria incoerente. Fiquei sete anos escrevendo este livro e outras coisas ao mesmo tempo, mas todos os dias, quando levantava, era a biografia que eu escrevia.

Tinha um conjunto de informações, mas comecei escrevendo a partir do que lembrava. Depois fui reordenando, formatando e, por fim, buscava confirmar se o

---

<sup>4</sup> Freire, Ana Maria Araújo (org). **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 2021.

<sup>5</sup> Freire, Ana Maria Araújo (org). **Testamento da presença de Paulo Freire, o educador do Brasil - Depoimentos e testemunhos**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 2021.

<sup>6</sup> Freire, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire: uma história de vida**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1997.

<sup>7</sup> Freire, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo, Editora Cortez, 1991.

<sup>8</sup> Freire, Ana Maria Araújo. **Direitos Humanos e educação libertadora: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 2019.

Citado na referência 3



que estava na minha lembrança era verdade ou não. Fui a todos os lugares, à Universidade de Recife, fui lembrando as coisas que Paulo fez. Ele fundou a escola em Capibaribe, então fui até lá para pesquisar.

Na 1ª edição coloquei todos os relatórios das inquirições que fizeram com Paulo. Primeiro, foi o da Universidade do Recife. Por mais triste e irônica que possa ser, o entusiasta dessa busca de maltratar os seus colegas, também aprisionaram seu sobrinho, no Rio de Janeiro, junto com outro rapaz de Pernambuco. Foram massacrados, torturados e postos para queimar naquela usina de açúcar de Campos dos Goytacazes, no Estado do Rio de Janeiro. De certo, ele não pensava que sua família poderia estar implicada, coordenou a sindicância entre os professores.

Inseri o livro Inquérito Maior, que era o inquérito policial militar, feito pelo Coronel Ibiapina, considerado no Nordeste como o maior torturador. Ele mandava o cabra andar sobre o cal, nas ruas de Recife, em Casa Forte. Tirou-o da prisão e o botou para caminhar sem poder gemer, sem dizer nada, e pedaços de carne dele caíam no caminho. Esse homem depois disse, quando soube que Paulo estava no Chile, quase enlouqueceu, deu *piripaque*. “Um covarde, fugiu do Brasil!”, falou. Ele esperava que Paulo ficasse no Brasil para ele fazer todo o escárnio possível e já ir reservando-o para as torturas que eram ameaças ainda incipientes, mas que se tornaram fortes depois de 1968, com o Médici e com o AI-5.

As torturas foram muito grandes. Muita gente morreu. Desejava reservar Paulo para esses horrores. Paulo morreria fácil, pois era um homem que não tinha muita saúde. Teve doenças fortes e tuberculose quando era adolescente, e isso repercutiu na vida dele o tempo todo, até de ter um bom desempenho físico.

Fui escrevendo o livro e um dia disse assim: eu acho que eu não vou acabar de escrever esse livro, pois quando pensava ter concluído, aparecia mais uma coisa. Nesta ocasião, a Fundação Banco do Brasil resolveu fazer de Paulo o educador do ano. O presidente da Fundação me ligou e disse “Nita, eu quero conversar com você. Vou a São Paulo entre uma reunião e outra que tenho aqui em Brasília. Tu vais ao aeroporto de Congonhas?” Fui com o livro do Paulo em mãos. Ele disse “vou fazer uma coisa por você que nunca foi feita. Vou financiar a publicação da primeira edição da biografia que eu sei que você está escrevendo”. Eu disse: nossa, mas ainda falta tanta coisa. Ele disse: “deixa essa tanta coisa para depois, quantas



páginas tem?” Falei que deveria ter umas setecentas páginas. Ele: "menina, o que você vai dizer mais? Termina e a gente publicará!" Terminei o livro sem querer terminar, mas tem coisas que vou ter que acrescentar em uma próxima edição.

Quando saiu a segunda edição, sofri uma pressão grande da editora para tirar os inquéritos do livro e para não acrescentar novos dados. Farei uma nova que pode chegará a mil páginas, mesmo que venda pouco, como alertaram, mas o meu interesse não é vender, é deixar um documento sério.

**Como era Paulo Freire como escritor e pesquisador, como se dava seu processo de escrita? Como ele fazia para colocar sua vida e seus pensamentos em textos?**

Interessante sua pergunta. Paulo era um só, não havia vários *Paulos*. Não tem um homem intelectual, um homem romântico, um homem isso, um homem aquilo. Quando Paulo fazia as andarilhagens, ele via na prática as coisas que precisavam de explicação, coisas sobre as quais ele teria que incidir a sua reflexão.

Ele dizia ‘o meu corpo conhece primeiro, quando eu fico todo arrepiado, quando eu tenho taquicardia, às vezes fico suando, é porque meu corpo conheceu alguma coisa importante naquela andarilhagem’. Paulo, iniciava sua reflexão sobre o objeto que estava lhe perturbando, pois dizia: ‘é o corpo que conhece primeiro, então eu vou pensar, e quando penso eu descortino um mundo de coisas novas’.

É esse descortinar que ele tinha necessidade de dizer para as outras pessoas. Paulo nunca foi um intelectual egoísta. Ele tinha que dizer tudo o que sabia, tudo o que podia, e por isso a sede de escrever até o último ano de vida. Eu dizia para ele descansar um pouco, mas ele respondia: ‘não, eu ainda tenho um recado para deixar’. Recados não eram prescrições, mas pontos sobre os quais os homens e as mulheres que querem conhecer o mundo, que amam o mundo, têm que se dedicar.

Uma única vez ele me disse assim: ‘hoje eu vou me sentar na minha mesa sem saber o que eu vou escrever, e vou ver se eu escrevo alguma coisa. Eu não venho para a mesa e fico adivinhando’. Depois uma hora ele me disse: ‘Nita, isso não presta para nada, porque escrevi sem ter definido o objeto sobre o qual eu escreveria’.



Paulo amassava os papeis e jogava fora. Até hoje a gente encontra muitas coisas de Paulo. Em papeizinhos recortados e colados, ele escrevia por cima daqueles papeizinhos. Procurava tornar a escrita bonita, escrevia poucas palavras, de canto a canto da folha, com uma caneta “Bic” (infelizmente o outro aí também usa uma Bic). Paulo escrevia sobre o que ele sentia, sobre o que experimentava, por isso que é tão profundo o seu pensamento. Ele se aproxima tanto, toca na nossa sensibilidade e na nossa razão.

As obras que ele tinha mais apreço eram *Pedagogia do oprimido* e *Pedagogia da autonomia*. Na primeira, *Pedagogia do oprimido*, escreveu tudo que já estava *na cabeça*. No bolso carregava papelzinho, lápis e uma caneta para anotar suas ideias. Sobre isso, estrou preparando um novo livro que será composto pelas fichas de ideias, inclusive algumas que estão em *Pedagogia do oprimido*. Pode ser que este livro se chame *Meus registros de educador*, pois ele gostava de dizer ‘as minhas fichas de registro de educador’. Talvez, *Pedagogia do registro*.

O segundo, *Pedagogia da autonomia*, terminou de escrever em 1996, mas foi publicado em 1997. Estávamos retornando dos Estados Unidos e Lilian Contreira nos buscou para irmos ao lançamento, no SESC Pompeia.

Paulo começou a ficar cansado demais. Fomos ao médico e acabou sendo internado para fazer um tratamento no Hospital Sírio-Libanês, e a médica cardiologista disse que o caso dele era é muito sério, de muito cuidado.

Recebíamos muitas visitas, mas, em um certo dia, quando foram embora, Paulo me disse: ‘Nita, estou sentindo uma dor aqui no peito’. Falei com a médica e fomos, imediatamente, para o Hospital Einstein, no bairro Morumbi. Paulo passou bem depois de fazer um cateterismo, porém, de repente, sentiu mais uma dor muito forte e teve que realizar um novo cateterismo. A médica disse: ‘olha, o nosso corpo é muito mais solidário com ele mesmo do que nós somos conosco mesmos e com os outros’. As veias estragadas já estão abandonadas e as normais que ficaram ilesas já estão unidas, não tem mais perigo.

Como não tinha quarto disponível, ele ficou na UTI, um quarto enorme, o maquinário parecia coisa de *viagem nas estrelas*. Conversei com o médico e depois com Paulo, e ele me disse: ‘Nita, não me deixe morrer, por favor!’. Isso foi muito pesado, então respondi: ‘Você não vai morrer! Tu não queres morrer por causa de mim, não é Paulo?’ Ele riu e falou ‘também, eu amo muito a vida, Nita’. Ele repetiu



esta frase três vezes e na terceira já estava dormindo, porque deram um medicamento para que dormisse.

Passei a mão no rosto e nas mãos dele e o médico que estava lá falou que eu poderia voltar para casa sossegada. Quando cheguei em casa, fazia muito frio, deitei-me com roupa e tudo, apenas com um cobertor em cima da minha cama, pois pensei vou ficar pronta. Ao menor sinal eu saio voando daqui.

No dia 02 de maio (1997), mais ou menos às 6h, Maristela, a médica, me telefonou. Ela falava, falava, falava, e eu disse: Maristela, do que é que você está falando? Eu não estou entendendo nada do que você falou! Então ela disse: 'Nita, aconteceu o pior'. Eu falei: você está me dizendo que Paulo morreu? Naquele momento o mundo estava se acabando. Pensei: O que eu vou fazer da minha vida agora, o que eu vou ser, o que eu vou fazer? Maristela telefonou para minha filha Eliana e nós fomos para o hospital.

É uma coisa louca gente, uma coisa louca! Um homem cheio de vida, de inteligência, de vibrações positivas. A grandeza de Paulo, sabe? A grandeza e a inteireza. Paulo era um homem por inteiro. De repente não é mais nada. É só o que ele fez.

Dali em diante eu dizia: ele não vai fazer mais nada, mas ele tem feito. Está na cabeça das pessoas, em todos os cantos do mundo ele é reconhecido. Paulo está presente. Paulo está vivo. Então é isso que me alimenta, entendem? É saber que Paulo está vivo, porque ele foi um cara absolutamente extraordinário. Amoroso, amoroso, muito amoroso! Amoroso com as pessoas e amoroso com o mundo.

**Nita, estamos nos aproximando do final desta linda conversa, então, por favor, com a Lilian Contreiras (estava acompanhando a Nita), nos digam como nasceu o Café com Paulo Freire São Paulo.**

Lilian: Sim, foi assim mesmo. Estávamos em um momento muito difícil, mais um dos tantos que vivemos nos últimos anos. Queriam tirar o título de Patrono da Educação de Paulo Freire. Então começamos a nos movimentar, nos juntávamos no escritório da deputada Luiza Erundina, em São Paulo, local onde nasceu o Coletivo Paulo Freire. Lá realizamos muitas reuniões e, felizmente, conseguimos elaborar





uma moção que contou com muitos apoios, e o processo foi arquivado. Seria a primeira vez na vida que se retira o título de alguém. Imagina!

Depois disso, a Fátima Bezerra, que é a atual Governadora do Rio Grande do Norte, uma freireana louca por Paulo, no dia do *impeachment* de Dilma, Fátima levantou e disse: “por Dilma, por Paulo Freire”! Não foi isso mesmo, Inês Helena (Inês é do café com Paulo Freire Solar da Paz/Niterói/RJ)

Inês: Foi isso mesmo. A Fátima Bezerra, uma velha conhecida, desde quando não tinha nenhum cargo político, ela e eu realizamos lá no Rio Grande do Norte alguns eventos sobre Paulo Freire. Em um desses encontros, em Angicos, a Fátima me pediu que organizasse essa audiência pública, no tempo que ela ainda era Deputada Federal. Tive a alegria de ter organizado essa audiência pública lá junto com o pessoal do gabinete dela.

### **O que tens a dizer sobre o Centenário de Paulo Freire?**

Tenho que agradecer, de certo modo, até a quem bateu no meu marido, pois a reação, em especial no ano passado (2021), foi: Ah, vocês batem?! Pois, então nós vamos mostrar quem é esse homem! Tantos festejos. Somente no dia vinte, (o aniversário dele é no 19 setembro), 190 países, ao mesmo tempo, homenagearam Paulo. Isso não é pouco! Isso não é pouco. O mundo inteiro sabe quem é Paulo.

Sobre isso, estou editando um relatório assertivo-científico das atividades em torno de Paulo, [sobre as comemorações de 2021], que contenha todas as homenagens, tributos, cursos, *lives*, das comemorações de cem anos de nascimento de Paulo. Isso faço questão de fazer, pois deve ser documentado. Se vocês quiserem mandar essa listagem das 184 atividades que os Cafés realizaram, posso colocar nesse livro.

Nós deveremos publicar que atividades foram feitas para endossar a posição que Paulo adquiriu no mundo. Então, os Cafés de vocês são isso, não vamos um fazer café para um desconhecido, mas um Café para/com Paulo Freire.

Paulo fez contribuições substantivas para a sociedade brasileira e mundial. A partir de suas ideias a gente pode construir um mundo mais solidário, mais bonito e justo. Creio que vou até o último dia de minha vida trabalhando sobre Paulo. É isso que eu pretendo, é isso que acho que vou fazer.



Renovei o visto para entrar nos Estados Unidos, pois tenho dois filhos que moram lá. Me deram dez anos! Aí eu digo olha, quando eu tiver 98, 99 anos vou aos Estados Unidos para falar sobre Paulo, se Deus quiser. É brincadeira, não vou viver tanto assim, mas enquanto eu viver, sou a viúva de Paulo, sou a mulher que mostrou a ele o que é o verdadeiro amor. Não tenho mais receio de dizer, não tenho por que não dizer.

**Para finalizar mais este momento histórico da Revista Café com Paulo Freire, e também dos 4 anos da Rede de Cafés, que se completarão em agosto próximo, por favor, deixa um recadinho para nós.**

Paulo amava tomar cafezinho. Tomava quatro por dia. Tem uma história engraçada sobre isso, pois quando Paulo foi Secretário de Educação de São Paulo, o acusaram de tomar café demais, com dinheiro público. Na verdade, Paulo levava de casa. Foi o gosto pelo povo brasileiro que fez Paulo gostar de café.

Bem, meu recadinho desprezioso aos Cafés: pratiquem a teoria freiriana de uma maneira leve, honesta, fiel ao que Paulo disse. Recriem. Recriar não é distorcer, mas compreender e ir adiante, aprofundar mais e mais, disseminem o nome de Paulo pelo mundo.

O nome que vocês deram – Café com Paulo Freire –, traduz a filosofia de Paulo: uma filosofia que tem a preposição **com**. Paulo Freire, um homem magistral, que vocês estão homenageando através do café, uma bebida tão querida dele, que degustava com muito prazer.

Que o Café com Paulo Freire congrace pessoas e ideias, conjuntura, movimentos e mudanças para o bem da gente.

**O Café é um baluarte para as ideias de Paulo Freire, no mundo!**



*Pensar para transformar o mundo*

cafecompaulofreire@gmail.com